

MAURA YONÁ D'ANTAS OLAIO

**DIFERENÇAS INTER-INDIVIDUAIS NA
CONSTRUÇÃO DE FALSAS MEMÓRIAS**

Orientadora: Professora Doutora Laura Alho
Coorientador: Professor Doutor Pedro Rodrigues

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2020

MAURA YONÁ D'ANTAS OLAIO

**DIFERENÇAS INTER-INDIVIDUAIS NA
CONSTRUÇÃO DE FALSAS MEMÓRIAS**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Forense no Curso de Mestrado em Psicologia Forense, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 18 de junho de 2020, com o Despacho de Nomeação de júri nº 131/2020 com a seguinte composição de júri:

Presidente: Professora Doutora Joana Carvalho

Arguente: Professor Doutor Jorge Oliveira

Orientadora: Professora Doutora Laura Alho

Coorientador: Professor Doutor Pedro Rodrigues

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

Lisboa

2020

Dedicatória

Kua ngueye mbasi yame, ya nkenguedidi ya mbandu ke mbandu, Tata
“Ao meu eterno anjo da guarda, Pai.” – Mauro Dionízio Figueira Olaio

Agradecimentos

À minha linda e querida Mãe, agradeço pelo amor, empenho em fazer de mim uma grande mulher, tal como ela. Aos meus familiares, especialmente à avó Maria Luísa e o Dr. Dário Olaio (titio) por todo o incentivo e apoio incondicional.

Não digo que tive sorte com os orientadores que tive, aliás, escolhi-a tendo por base o seu profissionalismo, ética e carisma. Por isso, agradeço pela oportunidade de tê-los como orientadora e co-orientador, Doutora Professora Laura Alho e Professor Doutor Pedro Rodrigues, obrigada pela paciência, pela instrução e por todo o apoio dado.

Ritchi Almeida, meu eterno namorado, obrigada por toda a paciência, disponibilidade, amor, carinho, por todas as vezes que quis desistir e recebi uma palavra de revigoração.

Esta foi uma das fases mais exigente e importante para mim, a nível pessoal mudou a minha maneira de ser, de ver o mundo e reforçou a minha perseverança. Ademais, acredito que o trajeto tornou-se mais leve por trilhá-lo com as minhas meninas: Catarina Carneiro (carneirinho), Soraia Oliveira e Raquel Moraes, obrigada pelas longas conversas, pelos encontros na biblioteca e por todos os momentos de desânimo e alegria que vivemos. Levo-vos comigo para a vida toda.

Por fim e muito importante, obrigada meu Pai, pela oportunidade e por me capacitares, a Ti toda a honra.

Resumo

Dada a suscetibilidade da memória aos erros, é de grande importância toda a investigação científica, de forma a detetar, analisar e adaptar estratégias para os evitar. Assim, a Psicologia do Testemunho surge com esse o intuito, de fazer uma análise científica dos processos psicológicos básicos, associados ao depoimento e testemunho dos sujeitos.

Com esta investigação pretendeu-se estudar as Falsas Memórias e como estas podem influir de forma negativa a memória das testemunhas, tendo por base traços de personalidade, género e raça/estereótipos raciais, enquanto variáveis potenciadores da criação de falsas memórias.

Participaram neste estudo 131 estudantes universitários (66 Negros, 65 Caucasianos), distribuídos por dois grupos (experimental vs. controlo), o que diferenciou cada grupo foram os vídeos expostos e as tarefas propostas, sendo que ao grupo experimental foi apresentado o vídeo de crime e a tarefa distratora (resumo com informação falsa), e ao grupo neutro foi apresentado um vídeo que retrata uma situação quotidiana.

Os instrumentos utilizados foram o IAT (influência de estereótipos raciais), escala de stresse – VAS, escala de personalidade – NEO-FFI, e questionários sobre os vídeos.

Em suma, os resultados revelaram que memória é falível e suscetível a fatores externos e internos. Destes, destaca-se como fatores internos a personalidade, mais especificamente a dimensão “Abertura à Experiência” que se manifesta através de uma maior propensão à formação de FM. E como fatores externos destacam-se a exposição a informação falsa e a ativação emocional – stresse, como potenciadores da criação de FM.

Palavras-Chaves: *Falsas memórias, personalidade, género, raças, estereótipos raciais.*

Abstract

Given the susceptibility of memory to errors, all scientific research is of great importance, in order to detect, analyze and adapt strategies to avoid them. Thus, the Psychology of Testimony arises with this purpose, to make a scientific analysis of the basic psychological processes, associated with the testimony and his subjects.

With this investigation it was intended to study False Memories and how they can negatively influence the memory of witnesses, based on personality traits, gender and racial/racial stereotypes, as variables that enhance the creation of false memories.

131 university students (66 Blacks, 65 Caucasians) participated in this study, they were distributed in two groups (experimental vs. control). Each group were exposed to different videos and tasks, which the crime video was presented to the experimental group with a distracting task (summary with false information), and the neutral group was presented with a video that portray a daily situation. The instruments used were the IAT (influence of racial stereotypes), stress scale - VAS, personality scale - NEO-FFI, and questionnaires about the videos.

The results revealed that memory is unreliable and susceptible to external and internal factors. Of which stands out the personality as internal factors, more specifically the dimension "Openness to Experience" which is related to a higher propensity to the formation of FM. And as external factors, we have the exposure to false information and emotional activation - stress, as enhancers of FM creation.

Keywords: *False memories, personality, gender, race, racial stereotypes.*

Índice

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
Introdução	12
1.1. Memória.....	12
1.2. Falsas Memórias	14
1.3. Características individuais que influenciam a memória	16
1.3.1. Personalidade.....	17
1.3.2. Diferenças de género no desempenho da memória.	19
1.3.3. Raça, estereótipos raciais e a memória.....	20
1.4. Objetivo do presente estudo.....	21
PARTE II – METODOLOGIA	23
Metodologia.....	24
2.1. Amostra.....	24
2.2. Instrumentos.....	24
2.3. Procedimentos.....	25
2.4. Análise de dados	26
PARTE III – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	27
3.1. Resultados.....	28
3.1.1. Tarefa de Evocação Livre e Raça x Grupo de Controlo vs. Grupo experimental.....	28
3.1.2. Dimensões de Personalidade	29
3.1.3. Género e Grupo de controlo vs. Grupo experimental.....	30
3.1.4. Estereótipos Raciais.....	30
3.1.5. Grupo de controlo vs. Grupo experimental	31
3.1.5.1. Questionários dos vídeos	32
Discussão e Conclusão	33
Referências	38

Abreviaturas

Memória a Curto Prazo (MCP)

Memória a Longo Prazo (MLP)

Falsas Memórias – FM

Implicit Association Test – IAT

Visual Analogue Scale (VAS)

NEO-FiveFactor Inventory (NEO-FFI)

Lista de tabelas

Tabela 1. Dados descritivos do stresse – Grupo experimental	28
Tabela 2. Dados descritivos do stresse – Grupo de controlo.....	28
Tabela 3. Percentagem de erros, acertos e “não sei” do questionário do vídeo Crime	32
Tabela 4. Percentagem de erros, acertos e “não sei” do questionário do vídeo Neutro	33

Anexos

Anexo I: Consentimento Informado

Anexo II: Questionário sociodemográfico

Anexo III: Visual Analogue Scale (VAS)

Anexo IV: Questionário sobre o vídeo de crime

Anexo IV: Questionário sobre o vídeo neutro (praia)

PARTE I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Introdução

Da união entre a Psicologia e a Justiça surge a Psicologia Forense, que se afirma pela compreensão dos comportamentos humanos no contexto da justiça, dando assim, auxílio ao Direito principalmente na tomada de decisão, a fim de diminuir os erros em contexto jurídico (Gonçalves, 2010).

Tendo em conta que a área forense tem como objetivo a investigação dos comportamentos criminais e dos seus intervenientes, houve a necessidade de se criar uma área adjacente, que centra a sua investigação nos depoimentos prestados em todos os órgãos de controlo social (formais ou informais). Esta é designada por Psicologia do Testemunho, que sustenta a sua prática na análise científica dos processos psicológicos básicos, associados ao depoimento e testemunho dos sujeitos (Huss, 2011; Pinto, 1986; Poiares, 2012).

Os estudos da Psicologia do Testemunho incidem na fiabilidade e veracidade dos factos, partindo do pressuposto que as testemunhas podem mentir, sendo necessário diferenciar a mentira e a verdade (Laney & Loftus, 2014). Também tem vindo a ser constatado que as testemunhas nem sempre mentem voluntariamente, podendo ser também de forma inconsciente, por influência de outros (sugestionabilidade) ou por simples engano, remetendo, assim, para o tema da memória, também estudado por esta área da psicologia (Laney & Loftus, 2014; Pinto, 1986). Dada a suscetibilidade da memória aos erros, é de grande importância toda a investigação científica, de forma a detetar, analisar e adaptar estratégias para os evitar (Poiares, 2012; Ribas, 2011; Sporer, 1982). Inclusive, denota-se os estereótipos como possível interferência na fidedignidade da recordação de uma memória de crime, destacando-se os estereótipos raciais. Ademais, o género e a personalidade são aspetos potencialmente influenciadores, dadas as características inerentes a cada sujeito que ditam o seu comportamento e decisões.

Deste modo, pretende-se estudar as variáveis supracitadas, enquanto potenciadores da criação de falsas memórias, explorando as diferentes definições de memória, como estas convergem em falsas memórias, bem como a relação com as restantes variáveis, confrontando com a literatura existente.

1.1. Memória

A memória é um processo cognitivo dinâmico que permite ao ser humano compreender, reter, recuperar, manipular e eliminar toda a informação recebida, envolvendo mecanismos específicos: codificação, armazenamento/consolidação,

recuperação e esquecimento (Baddeley, Eysenck & Anderson, 2014). Estes mecanismos são etapas, pelas quais a informação é adquirida, armazenada, recuperada e/ou esquecida (Alves & Lopes, 2007; Sene, Lopes, & Rossini, 2014).

Embora outras tipologias de memória tenham sido conceptualizadas ao longo do tempo, em geral existem três tipos principais: sensorial, curto-prazo e longo-prazo. A primeira é responsável pela receção de informação proveniente dos cinco sentidos, tendo uma duração muito breve (aproximadamente 250 milissegundos). Seguidamente, a informação entra num processo de codificação (de forma consciente ou automática), sendo armazenada na Memória a Curto Prazo (MCP). Se a informação for consolidada e armazenada por mais de 30 segundos (aproximadamente), a informação passa a ser processada na Memória a Longo Prazo (MLP), de forma a poder ser recuperada, quando necessário, e/ou posteriormente esquecida (Baddeley, Eysenck & Anderson, 2014; Caixeta e Pereira, 2005; Sene, 2011). A MLP é uma categoria de armazenamento que permite que a informação permaneça na mente por longos períodos de tempo, existindo vários tipos, designadamente a memória episódica e a autobiográfica, que passamos a dar especial atenção (Eysenck & Keane, 2007).

A memória episódica é responsável pela recordação de eventos específicos ocorridos num determinado momento e lugar (experiências passadas), enquanto observadores, e a memória autobiográfica, por sua vez, é referente à história de vida de um sujeito, no qual engloba a recordação de experiências pessoais enquanto pessoa ativa, bem como factos pessoais do qual a pessoa não se recorda de viver, porém sabe que aconteceu (e.g., data de nascimento; local de nascimento) (Conway, 2001; Costa, 2011; Eysenck & Keane, 2017).

Inicialmente as investigações desenvolvidas sobre a memória eram centradas na sua capacidade de recordação, reconhecimento e esquecimento. Porém, constatou-se que a memória tem limitações e nem sempre é fiável e exata, o que impulsionou o início de estudos sobre os erros de memória (e.g., Eysenck, & Keane, 2007). Estes correspondem a uma falha na recordação da informação e podem ser divididos em dois subgrupos: erros de memória por omissão – estão relacionados com o esquecimento e bloqueio da memória; e erros de memória por comissão – são referentes às distorções mnésicas – e.g., falsas memórias (Albuquerque & Pimentel, 2005; Oliveira, Albuquerque & Saraiva, 2018; Pinto, 2002; Rodrigues, 2008).

Durante a codificação de estímulos externos, se um sujeito der maior atenção a certos detalhes e ignorar outros, há uma maior probabilidade de ocorrer uma distorção

mnésica, quando o evento for recordado. Denota-se que estas distorções se tornam mais suscetíveis pelo facto de o processamento da informação variar de acordo com as situações e variáveis influenciadoras. Um exemplo prático é o estudo de Peters (1988, citado em Albuquerque & Santos, 1999) no qual se verificou que em acontecimentos que provoquem níveis altos de ansiedade, os sujeitos não recordam corretamente o rosto das pessoas que estavam envolvidas. O mesmo é congruente com o efeito de “foco de arma”, em que testemunhas de crimes que envolvam uma arma de fogo tendem a direcionar atenção na arma e não no agressor, e quando lhes são dirigidas questões acerca de características do mesmo, os detalhes recordados são poucos. Deste modo, pode-se concluir que a codificação da informação pode ser afetada por fatores externos e internos (stress), provocando assim, um efeito negativo e/ou positivo no processamento da informação, no qual a recordação é feita com base nesse efeito (Aharonian & Bornstein, 2008; Albuquerque & Santos, 1999).

1.2. Falsas Memórias

Sendo a memória suscetível (interferências), pode se verificar a evocação de uma memória de eventos que não aconteceram, designando-se por falsa memória (FM), sendo este um tipo específico de erro de comissão (Pandeirada, 2005; Roediger III & McDermott, 1995; Steffens & Mecklenbräuker, 2007). Estas podem surgir de forma espontânea, em que o próprio indivíduo não tem intenção de criá-la, ou por influência de terceiros, em que o indivíduo é induzido por fontes externas (Alves & Lopes, 2007; Carvalho, 2012).

Como já mencionado, há uma menor probabilidade de ocorrerem FM se o processo de codificação for mais profundo (maior atenção aos estímulos), e consequentemente a recordação será mais compatível com a realidade.

Como já mencionado, se o processo de codificação for mais profundo, a probabilidade de ocorrerem FM é menor, porque a atenção aos estímulos é maior e assim, a recordação será mais compatível com a realidade. Porém, quando a informação é processada e evocada, a memória humana tende sempre a fazer associações com informações já aprendidas, o que pode também levar a produção de uma FM (Rodrigues & Albuquerque, 2007).

Por ser uma temática inédita, começou a despertar interesse aos investigadores a partir do séc. XIX. Apesar de centrar-se mais nos erros de memória por omissão, Ebbinghaus (1885/1964) foi o primeiro investigador a realizar estudos experimentais

sobre os erros de memória. Surge nos anos seguintes, Kirkpatrick (1894, citado em Oliveira, Albuquerque, & Saraiva, 2018) com o primeiro estudo laboratorial sobre as FM em listas de palavras associadas.

Nos finais do século XIX Alfred Binet (1900) desenvolve trabalhos sobre as FM e verifica que a memória de crianças e adultos é suscetível a FM devido à sugestionabilidade e a fatores externos, sendo que crianças são mais suscetíveis a erro quando a pergunta é sugestiva, comparativamente com os adultos (Brainerd & Reyna, 2005; Pinto, 2002). Foi também Binet (1900 citado em Bourscheid, 2017) que fez a distinção entre as FM espontâneas (por autossugestão) e FM por sugestão de terceiros (externa).

Na primeira década do século XX, Stern (1910 citado em Oliveira, Albuquerque & Saraiva, 2018), na Alemanha, constatou que é possível criar FM através de perguntas sugestivas, principalmente em crianças. O psicólogo alemão notou que ao fazer perguntas sugestivas às crianças, estas confundiam eventos reais com imaginários.

Posteriormente, surge Bartlett (1932, citado em Roediger III & McDermott, 1995) que faz a distinção entre memória reprodutiva e memória reconstrutiva. A memória reprodutiva está relacionada com reprodução fiel de toda a informação que se encontra armazenada na memória, com detalhes precisos, enquanto a memória reconstrutiva refere-se ao processo de reconstrução das recordações que se encontram na memória, porém agregando elementos familiares ao sujeito. Ou seja, Bartlett concluiu que o homem ao recordar uma determinada informação, faz associações de acordo com o seu contexto cultural e a sua experiência de vida, de forma a preencher certos elementos em falta, aumentando assim a possibilidade de distorções de memórias, nomeadamente FM (Bourscheid, 2017; Oliveira, Albuquerque, & Saraiva, 2018; Roediger III & McDermott, 1995).

Também Deese (1956), dando seguimento ao trabalho de Ebbinghaus (1885/1964), desenvolveu um procedimento que consistia na apresentação de listas de palavras associadas. Mais tarde, outros autores como Roediger e McDermott (1995), para além de darem seguimento ao trabalho de Bartlett, defendendo que a natureza da memória humana é reconstrutiva porque qualquer recordação é uma construção de informações prévias, deram também seguimento ao procedimento de Deese, criando assim o paradigma de Falsas Memórias de *Deese, Roediger e McDermott* (DRM), defendendo que as FM são produzidas através de associações (Carvalho, 2012; Garcia-

Marques et al., 2010; Oliveira, Albuquerque, & Saraiva, 2018; Roediger III & McDermott, 1995).

Loftus e Palmer (1974) desenvolveram o paradigma da desinformação – “*Misinformation Effect*” – que afirma que as FM podem ser criadas através de sugestionabilidade, sendo que, logo após um evento vivido a implementação de falsas informações pode distorcer a memória em relação a esse mesmo evento (Bourscheid, 2017; Loftus, Hoffman & Wagenaar, 1992; Steffens & Mecklenbräuker, 2007).

Hyman e Billings (1998) concluíram que é possível formar FM sobre eventos que nunca não ocorreram durante a infância de um sujeito, através do recurso a técnicas de manipulação de informação (e.g., perguntas sugestivas) e estratégias que aumentam a expectativa quanto ao desempenho, originando níveis superiores de deseabilidade social por parte dos participantes.

Morgan e colaboradores (2013), com uma amostra de 861 militares, concluíram que a memória humana para além de ser suscetível a erros quando é exposta a eventos que provoquem níveis elevados de stresse, é também vulnerável à exposição a informações falsas, aumentando a taxa de produção de FM. O mesmo é corroborado por Shaw e Porter (2015), que verificaram que a implementação de informações falsas pode aumentar a recordação de FM que envolvam comportamentos criminosos. Apesar destas memórias serem falsas, são recordadas com detalhes visuais e com elevada precisão, porque os participantes acabam por reconstruir a memória com informação e detalhes de experiências prévias verdadeiras, o que faz com que estes acreditem que fora vivida. Adicionalmente, os autores também concluíram que as FM são produzidas da mesma forma como são produzidas as memórias verdadeiras e que a sugestionabilidade tem uma grande influência na produção de distorções de mnésicas.

1.3. Características individuais que influenciam a memória

No final da década de 80 as distorções mnésicas deixaram de ser apenas um erro na evocação de uma determinada memória e passaram a estar ligadas a características individuais e a fatores sociais, tais como a personalidade, o género, a raça, a idade, os estereótipos, bem como os valores culturais, sendo que todos eles podem aumentar ou diminuir a suscetibilidade à criação de FM (Araya, 2003; Payne, Jacoby, & Lambert, 2004).

1.3.1. Personalidade

Uma das variáveis importantes para esta investigação é a personalidade. A personalidade caracteriza cada indivíduo, tornando-o único, pois é um processo dinâmico que engloba componentes biológicos, físicos e ambientais/sociais, que organiza de forma relativamente estável e permanente o carácter, temperamento e inteligência do indivíduo, determinando um padrão comportamental (Correia, 2014; Martinho, 2004).

Deste modo, a personalidade é constituída por estruturas, traços e estados de personalidade. A estrutura é a base do funcionamento psíquico, que engloba um padrão de traços de personalidade, por sua vez, este remete a todos os comportamentos e características estáveis de um sujeito (Martinho, 2004).

Não há um consenso relativamente à tipologia de traços de personalidade existentes, por isso divide-se em diferentes teorias. Por exemplo, Eysenck (1997) defende que existem cinco traços/dimensões de personalidade, enquanto que Allport definiu três tipos básicos de traços, os cardinais, centrais e secundários (Correia, 2014; Veríssimo, 2001).

Contudo, centrando na temática do presente trabalho destaca-se a teoria de Eysenck – “*Big Five*”. Esta afirma que a personalidade pode ser descrita nos termos de cinco grandes dimensões (Neuroticismo, Extroversão; Abertura à Experiência; Amabilidade; Conscienciosidade), no qual englobam diferentes características específicas para cada personalidade. Denota-se que cada sujeito pode ter níveis elevados e/ou baixos de cada dimensão, explicando, assim, o padrão comportamental de cada pessoa (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2011; Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Lima & Simões, 2000).

Relativamente à primeira dimensão, o Neuroticismo, esta está relacionada com uma maior propensão para a descompensação emocional, ideias irrealistas, desejos/necessidades excessivas e estratégias de coping desadequadas. Relativamente às características típicas desta dimensão, de acordo com pontuações elevadas e/ou baixas são as seguintes:

- Pontuações altas – Sujeito preocupado, nervoso, emocionalmente inseguro, sentimento de inadequação, entre outros;

- Pontuações baixas – Sujeito calmo, otimista, resistente, seguro, entre outros (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2011; Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Lima & Simões, 2003).

A segunda dimensão, Extroversão, identifica a intensidade das interações interpessoais, a necessidade de estimulação, bem como o nível de atividade e capacidade de exprimir emoções positivas. As características típicas desta dimensão são:

- Pontuações altas – Indivíduo social, ativo, orientado para a relação interpessoal, otimista, divertido, afetuoso, entre outros;
- Pontuações baixas – Indivíduo reservado, pouco exuberante, cauteloso, tímido, entre outros (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2011; Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Lima & Simões, 2003).

A dimensão Abertura à Experiência identifica a tolerância e exploração do desconhecido, estando sempre disponível a viver novas experiências por si próprio. Nesta dimensão as características típicas são:

- Pontuações altas – Pessoa curiosa, criativa e que procura novas experiências, entre outros;
- Pontuações baixas – Pessoa convencional, realista e prática (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2011; Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Lima & Simões, 2003).

Relativamente à Amabilidade, esta identifica a capacidade de orientação interpessoal, no qual engloba pensamentos, sentimentos e ações. As suas características são:

- Pontuações altas – Sujeito sentimental, bondoso, tolerante, prestável, entre outros;
- Pontuações baixas – Sujeito calculista, focado em si próprio, arrogante e irracional (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2011; Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Lima & Simões, 2003).

Por fim, a Conscienciosidade identifica o grau de organização e motivação no comportamento do indivíduo, quando pretende atingir um objetivo (Lima & Simões, 2003).

- Pontuações altas – Organizado, confiável, autodisciplinado, pontual, ambicioso, persistente, entre outros;

- Pontuações baixas – Irresponsável, desleixado, despreocupado, negligente, entre outros (Gleitman, Fridlund & Reisberg, 2011; Gonçalves, Simões, Almeida & Machado, 2003; Lima & Simões, 2003).

Schwartz (1975) defende que níveis disfuncionais de traços de personalidade relacionados com ansiedade, alterações de humor, humor depressivo podem influenciar a forma como a memória se organiza. Simultaneamente Neufeld e colaboradores (2013) verificaram que indivíduos com níveis extremos de características da personalidade tendem apresentar um desempenho positivo e/ou negativo. Ou seja, se as características forem positivas o desempenho é positivo, se forem negativos a probabilidade de terem um desempenho negativo é elevado, principalmente em tarefas de recuperação de informação emocional.

Por outro lado, Ávila e Stein (2006) constataram que níveis elevados de neuroticismo podem aumentar a criação de FM, visto que as suas características estão relacionadas com sentimentos negativos, vulnerabilidade e estratégias de *coping* desadequadas, influenciando negativamente a memória.

Assim, a primeira questão de investigação do presente estudo é determinar se há influência da personalidade sobre a memória, tentando perceber se é possível determinar que pessoas com traços de personalidade específicos são mais suscetíveis a formar distorções mnésicas, nomeadamente às FM.

1.3.2. Diferenças de género no desempenho da memória.

Relativamente ao género, esta é uma característica individual que pode influir a produção de distorções de memória, mas é pertinente verificar se existe uma relação direta entre ambas e se as diferenças entre género são salientes, permitindo afirmar que os homens produzem mais distorções de memória, comparativamente às mulheres, sendo que são usados os mesmos mecanismos de memória (Jelin, 2002). É possível constatar na literatura que existem diferenças entre género no desempenho da memória. Loftus e colaboradores (1987) verificaram que determinada informação é melhor recordada por alguns, não sendo possível afirmar quem tem uma melhor capacidade de memória.

O estudo de Herlitz, Nilsson e Backman (1997) confirmam que essas diferenças existem, nomeadamente, em tarefas para avaliar a memória episódica e autobiográfica; as mulheres apresentam um melhor desempenho em tarefas, tais como,

relembrar e reconhecer informações recentes, nomes e rostos que foram apresentados no início de cada tarefa. Toda esta informação é reforçada por Bloison e Johnson (2007), que verificaram que as mulheres têm mais capacidade de recordar memórias com informação emocional, e também quando é avaliada a capacidade de recordar informação neutra, as mulheres destacam-se, comparativamente aos homens. Os mesmos autores acreditam que as mulheres têm uma melhor aptidão para organizar informação, principalmente informações de experiências pessoais, por isso é que existe essa diferença entre mulheres e homens (Bloison & Johnson, 2007).

Desta forma, o presente estudo também pretende averiguar a existência de diferenças mnésicas em ambos os sexos, no que diz respeito à quantidade e qualidade de detalhes recordados sobre um determinado evento.

1.3.3. Raça, estereótipos raciais e a memória.

É pertinente fazer a distinção entre raça e etnia, visto que, para a presente investigação, a raça é uma variável em estudo. Pretende-se entender se existe alguma diferença entre os grupos raciais, que influam em discrepâncias na criação de FM.

A raça diz respeito aos fatores genéticos, biológicos e físicos de cada grupo. O imprescindível para esta investigação é perceber se a raça, como fator biológico pode, ou não, determinar as diferenças no desempenho da memória. Em contrapartida, a etnia está associada à cultura e é um termo usado para diferenciar os grupos sociais de acordo com a nacionalidade, cultura e língua materna (Betancourt & López, 1993).

A nível racial é de igual modo importante salientar que pessoas reconhecem outras raças com mais dificuldade do que a sua, assumindo que estas, ao estarem inseridas na sua “comunidade racial”, estão mais expostas à sua raça e, consequentemente aprendem a reconhecer a melhor, comparativamente a outras – “*the other-race effect*”, o que pode aumentar a criação de distorções mnésicas. Isto é constatado, por exemplo, em casos de crime que envolvam agressores e vítimas de raças diferentes, no qual a vítima faz uma identificação errada do agressor, apontando para uma pessoa inocente (Brown et al., 2017; Meissner & Brigham, 2001; O’Toole, Deffenbacher, Valentin & Abdi, 1994).

Como foi anteriormente mencionado, os estereótipos raciais podem influenciar o desempenho da memória e na construção de distorções de memória. Porém, devido a escassez de investigações que relacionem diretamente o fenómeno FM com os

estereótipos raciais, surgiram algumas limitações no que concerne ao encontro de estudos empíricos, que serão descritos seguidamente.

Lindner, Schain, Kopietz e Echterhoff (2012) num estudo experimental, colocaram 11 participantes caucasianos a executar tarefas simples (tais como abrir e fechar um cadeado de diferentes maneiras) e a visualizar essas mesmas tarefas a serem feitas por atores de raça caucasiana (*in-group*) e raça negra (*out-group*), através de um vídeo, que apenas mostrava as mãos dos atores. Foi constatado que os participantes apresentaram menos FM ao recordar-se das tarefas feitas pelos atores de raça negra, visto que com atores da raça caucasiana eles criavam FM face a tarefas que assistiram, acreditando que as executaram.

A fim de verificar se os julgamentos com base em estereótipos são prejudiciais em contexto judicial, e se crimes de grande violência que tenham estereótipos associados elevem a probabilidade de distorções mnésicas, Skorinko e Spellman (2013) criaram um estudo no qual submeteram uma amostra de 179 estudantes universitários (122 caucasianos e minerais) a uma entrevista para avaliar crimes que estejam associados a estereótipos. Como resultado dessa entrevista, os autores apresentaram 55 tipos de crimes que foram associados a 13 grupos étnicos, no qual foram identificados estereótipos relacionados com etnia, género, estatuto socioeconómico, orientação sexual e idade.

Com base nesses estereótipos, foram criadas cenas de crime para a segunda e terceira fase do estudo experimental, para analisar os efeitos que os estereótipos e a violência dos crimes têm sobre a memória e tomada de decisão. Os autores concluíram que crimes com maior violência são associados à raça negra e crimes de colarinho branco são associados à raça branca. Relativamente à memória, esta pode ser distorcida pela presença de estereótipos relacionados com o crime, visto que durante a investigação alguns participantes, ao ser-lhes apresentado um crime violento recordavam que o acusado era negro, mesmo não sendo. Quanto à tomada de decisão alguns participantes na terceira fase do estudo demonstraram ser tendenciosos quando o crime era violento, pois acreditavam que os crimes violentos eram cometidos por um grupo étnico específico (Skorinko & Spellman, 2013).

1.4. Objetivos do presente estudo

Tendo por base a revisão de literatura apresentada, o objetivo central do presente estudo baseia-se na avaliação de possíveis diferenças inter-individuais (traços

de personalidade, género e estereótipos raciais) no desempenho da memória, em particular na produção de FM, através da comparação de estudantes universitários de raça negra e de raça caucasiana, do género masculino e feminino. A amostra foi dividida em dois grupos: grupo experimental (vídeo de crime) e grupo de controlo (vídeo neutro).

Partindo do objetivo geral, pretende-se determinar se os traços de personalidade de influenciam a memória dos participantes. Esperam-se diferenças significativas, havendo mais FM nos participantes que apresentam traços de personalidade mais marcados (Neufeld et al 2013). Deste modo, é esperado que sujeitos com níveis elevados de neuroticismo e extroversão evidenciem maior quantidade de FM (H1).

Pretende-se, também, averiguar eventuais diferenças entre género na construção de FM. De acordo com a literatura, as mulheres demonstram ter um melhor desempenho em tarefas mnésicas. Tendo por base esse pressuposto, é esperado que os homens apresentem maior quantidade de FM (H2) (Bloison & Johnson, 2007).

Outra variável em estudo é a raça. Procura-se determinar se haverá diferenças entre raças na construção de FM e, tendo por base a literatura, é esperado que sujeitos que evidenciem a ativação de estereótipos raciais criem mais FM (H3), isto porque os estereótipos raciais podem influenciar o desempenho da memória (Payne, Jacoby, & Lambert, 2004).

Por último e referente à divisão da amostra, espera-se uma diferença significativa entre grupos. Assim, espera-se que o grupo experimental evidencie mais FM comparativamente com o grupo de controlo (H4) porque o grupo experimental irá visualizar um vídeo de crime que aumenta os níveis de stresse, e, também, será submetido a uma tarefa distratora com informação falsa. Acreditamos que tanto o fator stresse e a informação falsa terão consequências negativas a nível da memória, aumentando, assim a produção de FM (Bourscheid, 2017; Morgan et al., 2013).

PARTE II – METODOLOGIA

Metodologia

2.1. Amostra

A amostra foi constituída por 131 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 18 e os 37 anos ($M = 21,95$; $DP = 3,199$), sendo 65 do sexo masculino e 66 do sexo feminino. Relativamente à raça, 65 são caucasianos e 66 negros. A maioria tinha como portuguesa a sua nacionalidade (64%), 21% eram angolanos, 5% guineenses, 4% brasileiros, 2% santomenses, 2% cabo-verdianos e 2% moçambicanos.

A amostra foi ainda dividida em dois grupos: Experimental e de Controlo. O que diferencia cada grupo são os vídeos expostos e as tarefas propostas, isto é, ao grupo experimental foi apresentado o vídeo de crime e a tarefa distratora (que consistiu na apresentação de um slide com um resumo do vídeo contendo informação falsa), a fim de induzir a criação de FM por influência de terceiros (Steffens & Mecklenbräuker, 2007). Ao grupo neutro foi apresentado um vídeo que retrata uma situação quotidiana.

2.2. Instrumentos

Cada participante preencheu os seguintes questionários: 1) questionário sociodemográfico; 2) *Visual Analogue Scale* – VAS (escala de níveis de stresse); 3) *Implicit Association Test* – IAT (Teste de associação implícita para avaliar estereótipos raciais); 4) “*NEO Personality Inventory–Revised*” (NEO-FFI); 5) Questionários sobre os vídeos.

- 1) *Visual Analogue Scale* (VAS) – escala analógica que foi usada para avaliar o nível de stresse percebido no momento, na qual o participante foi instruído a assinalar com um traço o seu nível de stresse, numa escala de 0 (*nada stressado*) a 100 (*muito stressado*) (Kertzman et al., 2004).
- 2) *Implicit Association Test* (IAT) – teste que avalia associações inconscientes entre o pensamento e a emoção, através de um conjunto de imagens que estão relacionadas com diversos conceitos, ao critério do técnico. Neste estudo em específico foram imagens de indivíduos de raça negra e caucasiana, relacionando-os com palavras positivas e negativas (Nunes & Baldwin, 2007). Utilizou-se para averiguar a evidência de estereótipos raciais.
- 3) *NEO-FiveFactor Inventory* (NEO-FFI) – (McCrae & Costa, 2004; versão portuguesa por Magalhães et al., 2014) versão reduzida do inventário de personalidade NEO-PI-R – “*NEO Personality Inventory–Revised*” – validada para a população portuguesa. Avalia as cinco dimensões da personalidade:

Neuroticismo, Extroversão, Abertura à Experiência, Amabilidade e Conscienciosidade. É composto por 60 itens, sendo que cada dimensão é constituída por 12 e a sua aplicação é por auto-resposta, através de uma escala de Linkert (*0= discordo fortemente; 1=discordo; 2= neutro; 3= concordo; 4=concordo fortemente*). Permite obter os valores de cada dimensão e informação sobre o funcionamento comportamental, emocional, cognitivo, e interpessoal do indivíduo.

- 4) Vídeos – foram visualizados dois vídeos utilizados no estudo de Alho e colaboradores (2014): um de crime e outro com informação neutra. O vídeo de crime corresponde a uma situação de assalto com tomada de refém, em que no final o perpetrador do crime é morto pela polícia. O vídeo neutro corresponde a um casal de meia-idade a passear à beira-mar.
- 5) Questionário sobre os vídeos – contém perguntas detalhistas sobre os vídeos. Algumas perguntas contêm informação falsa, de modo a manipular a memória dos participantes e induzir FM. As opções de resposta a cada pergunta são: “1. Sim; 2. Não; 3. Não sei” (Alho et al., 2014).

2.3. Procedimentos

A presente investigação foi submetida ao Comité de Ética da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Após a sua aprovação procedeu-se à recolha da amostra, realizada no Laboratório de Psicologia da Experimental da Escola de Psicologia e Ciências da Vida, bem como, no Núcleo de Estudantes Africanos da Faculdade de Direito.

O estudo experimental foi desenvolvido nos Laboratórios de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. De forma a testar os procedimentos e a estimar o tempo de duração da experiência, realizou-se primeiramente um estudo-piloto, este foi aplicado a um participante do género feminino, aluna da faculdade onde decorreu parte da recolha de dados. A participante deste estudo-piloto não foi tida em conta na análise de dados.

Os participantes foram informados do estudo em que participaram, preenchendo o consentimento informado e um questionário sociodemográfico, constituído por questões tais como: idade, género, nacionalidade, curso, entre outros.

A recolha de dados ocorreu de forma individual. No início da experiência, cada participante preencheu a escala de stresse VAS (que foi repetida em mais dois

momentos). Após o preenchimento da escala foi-lhes informado que iriam assistir a um vídeo real com os auscultadores. A metade dos participantes foi-lhes mostrado um vídeo de crime (grupo experimental) e a outra metade um vídeo de situação neutra (grupo de controlo). Cada vídeo tinha uma duração média de 1 minuto.

Aos participantes que assistiram ao vídeo de crime foi-lhes exposto um slide com resumo do vídeo que continha informação falsa (tarefa distratora). Ao grupo neutro foi apresentado um vídeo que retrata uma situação quotidiana.

Após a visualização dos vídeos voltaram a preencher a escala de stresse VAS.

De seguida foi pedido que realizassem a tarefa do IAT (Nunes & Baldwin, 2007). Previamente, cada participante foi instruído a ler as instruções com atenção para conseguir executá-la e proceder ao preenchimento dos questionários do próprio instrumento.

Posteriormente foram instruídos a preencher o questionário do NEO-FFI (Magalhães et al., 2014), em papel.

Imediatamente a seguir foi-lhes pedido que procedessem a uma Tarefa de Evocação Livre. Nesta tarefa, cada participante deveria apontar, por escrito, todos os detalhes que recordavam do vídeo visualizado. Após esta tarefa preencheram o questionário sobre os vídeos e por fim, o preenchimento da última linha da escala de stresse.

A escala de stresse é preenchida em três momentos diferentes para que o stresse seja controlado ao longo da tarefa, sob a possibilidade de haver influência no desempenho dos participantes, principalmente o grupo experimental que visualizou uma situação de crime que gera stresse.

2.4. Análise de dados

A análise estatística dos resultados foi realizada com recurso ao *IBM SPSS Statistics 25*. Os testes realizados de forma a testar as hipóteses em estudo foram: testes *t-student* para amostras independentes, teste do *Qui-Quadrado* e correlação de *Pearson*.

PARTE III – RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Resultados

3.1.1. Stresse

O stresse é uma variável de controlo, no qual foi pedido aos participantes que identificassem o seu nível de stresse em três momentos diferentes: no início da tarefa; depois de assistir o vídeo e no fim da tarefa.

Ao proceder-se a uma análise descritiva, verificou-se que no grupo experimental os participantes, em média experienciaram mais stresse após a visualização do vídeo de crime (Stresse_2 $M=36,64$; $DP=25,085$), como podemos verificar na Tabela 1.

Tabela 1. Dados descritivos do stresse – Grupo experimental

Grupo experimental	Stresse_1	Stresse_2	Stresse_3
Média	22,73	35,64	29,06
Mediana	17,5	31,5	23
Desvio Padrão	21,457	25,085	25,508

Enquanto que no grupo de controlo os participantes evidenciaram em média mais stresse no fim da tarefa (Stresse_3 $M=33,94$; $DP=25,592$).

Tabela 2. Dados descritivos do stresse – Grupo de controlo

Grupo controlo	Stresse_1	Stresse_2	Stresse_3
Média	33,74	32,69	33,94
Mediana	27	24	26
Desvio Padrão	26,964	26,78	25,592

3.1.2. Tarefa de Evocação Livre por raça por grupo de visualização do vídeo (experimental vs. controlo)

De forma a verificarmos qual o grupo racial onde houve mais erros de memória, quer no grupo experimental, quer no de controlo, realizou-se um teste do *Qui-Quadrado*.

Os resultados do teste *Qui-Quadrado* indicaram a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os participantes de raça caucasiana e os participantes da raça negra para detalhes periféricos, mais especificamente, no grupo de

controle ($\chi^2(6)=14.553$, $p=.024$; $N=65$). O que sugere que no grupo de controle, o número de detalhes periféricos evocados dependeu da raça dos participantes, tendo a raça caucasiana obtido maior número de detalhes periféricos (50,8%) face à raça negra (49,2%) , no entanto, essa diferença é pequena. Relativamente ao grupo experimental não houve diferenças ($\chi^2(8)=12.745$, $p=.121$; $N=66$), o que significa que o número de detalhes periféricos recordados não dependeu da raça dos participantes.

No que toca aos detalhes centrais não se verificaram diferenças estatisticamente significativas entre as raças (grupo experimental: $\chi^2(7)=6.509$, $p=.482$; $N=66$; grupo de controle: $\chi^2(4)=6.205$, $p=.184$; $N=65$).

O mesmo padrão de resultados foi obtido quanto aos erros de memória – FM (grupo experimental: $\chi^2(3)=1.995$, $p=.573$; $N=66$; grupo de controle: $\chi^2(2)=2.149$, $p=.342$; $N=65$), no qual não se verificou diferenças significativas, ou seja, o número de detalhes centrais recordados não dependeu da raça dos participantes.

3.1.3. Dimensões de Personalidade

De forma a estudar-se uma possível associação entre as dimensões da personalidade Neuroticismo e Extroversão, e o número de FM, foram realizadas correlações de *Pearson*, tanto para o grupo experimental como para o grupo de controle. A análise exploratória realizada não se restringiu apenas às duas dimensões de personalidade acima referidas, mas sim a todas as dimensões, não esquecendo o tipo de detalhes recordados na evocação livre.

Relativamente ao grupo experimental, verificou-se que apenas a dimensão “Abertura à Experiência” se encontra positiva e significativamente correlacionada com as FM ($r = .327$; $p = .007$). Estes resultados sugerem que quanto mais abertura à experiência um participante apresenta, mais FM terá. Os resultados relativos ao grupo experimental, também indicaram que nenhuma das restantes dimensões apresenta uma associação estatisticamente significativa com as FM ($p>.380$).

Os resultados relativos ao grupo de controle indicam, também, que não se verificou qualquer correlação significativa entre as diferentes dimensões de personalidade e o número de FM ($p>.301$).

Relativamente à recordação de detalhes centrais e periféricos no grupo de controle, verificou-se que apenas a dimensão “Abertura à Experiência” apresenta uma associação positiva com os detalhes periféricos ($r=.325$; $p=.008$), ou seja, quanto mais abertura à experiência um participante apresenta, mais detalhes periféricos recordará.

No grupo experimental não se constatou associação estatisticamente significativa entre as dimensões de personalidade e a evocação de detalhes periféricos ($p>.328$) e detalhes centrais ($p>.332$).

3.1.4. Género e Grupo de controlo vs. Grupo experimental

Relativamente à avaliação da recordação do conteúdo dos vídeos visualizados (detalhes centrais, periféricos e erros/FM), recorreu-se ao teste do *Qui-Quadrado* para verificar se houve diferenças entre género e entre grupos (controlo e experimental).

Os resultados provenientes do teste *Qui-Quadrado* indicaram a não existência de diferenças entre os participantes do género masculino e os participantes do género feminino (grupo experimental: $\chi^2(3)=2.78$, $p=.427$; $N=66$; grupo de controlo: $\chi^2(2)=1.11$, $p=.573$; $N=65$). Estes resultados sugerem que a existência de erros de memória não dependeu, significativamente, do género do participante, cuja tal evidência tanto é válida para o grupo experimental como para o grupo de controlo.

Verificou-se, também, que não houve diferenças estatisticamente significativas entre os participantes do género masculino e os participantes do género feminino na recordação de detalhes periféricos (grupo experimental: $\chi^2(8)=9.365$, $p=.312$; $N=66$; grupo de controlo: $\chi^2(6)=4.244$, $p=.644$; $N=65$) e detalhes centrais (grupo experimental: $\chi^2(7)=1.821$, $p=.969$; $N=66$; grupo de controlo: $\chi^2(4)=2.973$, $p=.562$; $N=65$), o que significa que o número de detalhes (centrais e periféricos) recordados não dependeu do género dos participantes.

3.1.5. Estereótipos Raciais

Conforme descrito nos instrumentos, o IAT indica-nos o nível de preferência racial (brancos/negros) automática dos participantes. Os resultados da estatística descritiva deste instrumento indicaram uma grande dispersão de respostas em cada tipo de preferência - pouca ou nenhuma preferência automática por brancos e negros (13,7%); ligeira preferência automática por brancos em relação a negros (16,8%); preferência automática moderada por brancos em relação a negro (19,1%); forte preferência automática por brancos em relação a negros (34,4%); ligeira preferência automática por negros em relação a brancos (6,9%); preferência automática moderada por negros em relação a brancos (4,6%); forte preferência automática por negros em relação a brancos (3,8%) – o que nos levou a optar pela criação de dois tipos de grupos

(nenhum e/ou ligeiro estereótipo racial; moderado e/ou forte estereótipo racial) a partir dos anteriores referidos, obtendo assim grupos mais homogêneos de forma a melhor testar a hipótese em questão.

Realizou-se um teste *t-student* para amostras independentes (nenhum e/ou ligeiro estereótipo racial; moderado e/ou forte estereótipo racial) para verificar se existe diferenças significativas na recordação de detalhes centrais e periféricos dos vídeos de crime e neutro.

No grupo de controlo não houve diferenças na recordação de detalhes centrais e periféricos, entre os diferentes grupos dos níveis de estereótipos raciais (detalhes centrais: $t(63) = -1.000$; $p = .321$; detalhes periféricos: $t(63) = .552$; $p = .583$). No que toca ao grupo experimental também não se verificou diferenças entre os diferentes grupos (detalhes centrais: $t(63) = .603$; $p = .549$; detalhes periféricos: $t(63) = 1.700$; $p = .094$).

Ademais, em relação às FM não existiram diferenças estatisticamente significativas entre os grupos dos níveis de estereótipos raciais, tanto para o grupo de controlo ($t(63) = .467$; $p = .642$), como para o grupo experimental ($t(63) = -.154$; $p = .878$). O que significa que na nossa amostra, um sujeito apresentar nenhum e/ou ligeiro estereótipo racial ou apresentar um moderado e/ou elevado estereótipo racial, não interfere, significativamente, com a quantidade de FM cometidas.

3.1.6. Grupo de controlo vs. Grupo experimental

Por fim, com o objetivo de testar possíveis diferenças estatisticamente significativas da recordação dos vídeos de crime e neutro (detalhes centrais, periféricos e erros/FM), foi realizado um teste *t-student* para amostras independentes.

Os resultados indicam a existência de diferenças significativas nos diferentes grupos associados à recordação de detalhes centrais ($t(129)=5.332$; $p<.001$), no qual os participantes do grupo experimental recordaram um maior número de detalhes centrais ($M=3.14$; $DP=1.548$) em comparação com os participantes do grupo de controlo (detalhes centrais: ($M=1.86$; $DP=1.158$).

Verifica-se também diferenças entre grupos na recordação de erros/FM ($t(129)=5.677$; $p=.000$), tendo o grupo experimental mais FM ($M=0.79$; $DP=0.775$) do que o grupo de controlo ($M=0.17$; $DP=0.417$).

Relativamente aos detalhes periféricos, é possível constatar que não houve diferenças significativas entre os grupos ($t(129)=.604$; $p=.547$).

3.1.6.1. Questionários dos vídeos

Em relação aos questionários de cada vídeo utilizado em estudo (crime; neutro), cada um era constituído por seis questões, onde cinco dessas, não continha informações enganosas e, a restante, a questão-chave, continha informação enganosa.

No vídeo de Crime, a questão que continha informação enganosa para induzir os participantes ao erro era 6ª (assinalada com “#” e a cor na tabela seguinte) – “Existia uma câmara por trás do ofensor?”. No entanto, como se pode verificar na Tabela 1, esta não foi a questão com maior número de erros (13,6%), tendo exibido apenas um maior número de respostas “não sei” (56,1%) em comparação com as restantes questões. Em termos de acertos também foi a questão que apresentou um valor mais baixo (30,3%).

A questão que apresentou um maior número de FM espontâneos foi a questão 4 (18,2%).

Tabela 3. Percentagem de erros, acertos e “não sei” do questionário do vídeo Crime

Vídeo Crime/ Questões	% de erros	% de acertos	% de “não sei”
Q1	4,5%	91%	4,5%
Q2	7,6%	77,4%	15,2%
Q3	13,6%	75,8%	10,6%
Q4	18,2%	31,8%	50%
Q5	12,1%	45,5%	42,4%
Q6 [#]	13,6%	30,3%	56,1%

Legenda 1. “#” corresponde à questão com informação enganosa. A resposta correta é “não”.

No Vídeo Neutro, a questão com informação enganosa era a 4ª questão (assinalada com “#” e a cor na tabela seguinte) – “A t-shirt do homem era verde seco?”. No entanto, como se pode verificar na Tabela 2, esta não foi a questão com maior número de FM (20%). É a segunda questão com o maior número de respostas “não sei” (35,4%) e, por sua vez, em termos de acertos é das questões com os valores mais baixos de acerto (44,6%).

A questão que apresentou um maior número de FM espontâneas foi a questão 2 (47,7%).

Tabela 4. Percentagem de erros, acertos e “não sei” do questionário do vídeo Neutro

Vídeo Neutro/ Questões	% de erros	% de acertos	% de “não sei”
Q1	15,4%	52,3%	32,3%
Q2	47,7%	29,2%	23,1%
Q3	0%	100%	0%
Q4 [#]	20%	44,6%	35,4%
Q5	13,8%	44,6%	41,5%
Q6	32,3%	55,4%	12,3%

Legenda 2. “#” A resposta correta é “não”

Ademais, é possível concluir que as questões com informação enganosa nos diferentes filmes, detiveram menos erros do que as questões sem informação enganosa.

Discussão e Conclusão

O testemunho consiste no relato de um determinado evento presenciado por uma testemunha, dependendo da quantidade de provas físicas e da gravidade da ilicitude a qual o sujeito foi espectador, o seu depoimento pode ser de grande valor para o veredito final (Poiares, 2012). É nesta temática que a Psicologia do Testemunho prende a sua investigação, na análise científica de todos os processos psicológicos básicos presentes no ato de testemunhar (Huss, 2011). Dado este facto, achamos pertinente desenvolver um estudo que pudesse contribuir para avanço desta área da Psicologia.

Assim, a presente investigação teve como objetivo de estudo avaliar possíveis diferenças inter-individuais no desempenho da memória e, consequentemente, o testemunho de um indivíduo. Deste modo, procurou-se analisar se os traços de personalidade, o género e os estereótipos raciais podem aumentar a produção de FM.

Segundo Ávila & Stein (2006), os níveis elevados de Neuroticismo estão relacionados a sentimentos negativos, vulnerabilidade e estratégias de *coping* desadequadas, influenciando de forma, igualmente negativa a memória dos participantes, podendo aumentar a produção de FM. Tendo por base este pressuposto tentámos validar a seguinte hipótese: sujeitos com níveis elevados de Neuroticismo e Extroversão evidenciam maior quantidade de FM. No entanto e de acordo com os resultados obtidos, verificou-se que não existe correlação direta entre as dimensões Neuroticismo e Extroversão e as FM. Mesmo obtendo estes resultados, procedeu-se a

uma análise exploratória das restantes dimensões e concluiu-se que a dimensão “Abertura à Experiência” se encontra positivamente correlacionada com as FM, ou seja, quanto mais abertura à experiência um participante apresenta, mais FM terá.

Este resultado veio contrariar as investigações consultadas ao longo do enquadramento teórico, porém, Zhu e colaboradores (2010) afirmam que talvez sujeitos mais otimistas, apresentam mais FM porque não têm medo do desconhecido, tornando-os imprudentes e mais suscetíveis ao erro, uma vez que os seus níveis de atenção são mais baixos. Enquanto que Pajón e Walsh (2017) constataram que a dimensão de personalidade “Abertura a Experiência” está correlacionada ao decréscimo da precisão da memória, e afirmam que tal facto pode dever-se ao contexto (e.g., tipo de crime) a que o sujeito é exposto, sendo que, a visualização de vídeos de crimes violentos diminui o desempenho da memória.

Nesta sequência, sendo o género uma variável também de interesse, pretendeu-se averiguar possíveis diferenças entre género na construção de FM, sendo esperado mais distorções mnésicas nos homens. Os resultados revogaram esta hipótese, verificou-se que o número de FM não dependeu do género do participante. Apesar da hipótese em estudo não ter sido corroborada, o resultado é justificado na literatura. Segundo Jelin (2002) e, Wang e Colaboradores (2017) não é possível afirmar-se que existam diferenças entre género no desempenho da memória, nomeadamente na construção de FM, mas sim, é possível determinar quem apresenta um melhor desempenho em tarefas mnésicas específicas. No caso da tarefa de evocação livre do presente estudo, não se verificou a existência de diferenças acentuadas na recordação de detalhes centrais e periféricos, visto que os participantes do género masculino e feminino obtiveram aproximadamente a mesma quantidade de detalhes recordados.

Ademais, procurou-se verificar se houve diferenças entre raças na construção de FM, de forma a confirmar se sujeitos que evidenciam ativação de estereótipos raciais criam mais FM. Esta hipótese foi criada tendo por base o estudo de Skorinko e Spellman (2013), no qual concluíram que os estereótipos raciais podem distorcer a memória das testemunhas, por estarem sob influência desse “preconceito”. No entanto, a hipótese não foi validada, porque, de acordo com os resultados os estereótipos raciais não influenciam a produção de FM. Contudo, este resultado pode justificar-se pela distribuição dos grupos do IAT, visto que houve a necessidade em se dividir os resultados do teste em dois grandes grupos (nenhum e/ou ligeiro estereótipo racial; moderado e/ou forte estereótipo racial). Ainda assim, a distribuição dos participantes

por cada grupo não se revelou semelhante, tendo o grupo “nenhum e/ou ligeiro estereótipo racial” um total de 49 participantes e o grupo “moderado e/ou forte estereótipo racial” com 81 participantes. Se o grupo de pessoas sem estereótipos raciais tivesse um número maior de participantes a amostra teria mais robustez, e seria possível obter resultados mais fidedignos.

De forma a testar o efeito que informação falsa teve na presente amostra, a tarefa mnésica criada foi aplicada em dois grupos: grupo experimental – assistiu a um vídeo de crime e era exposto a uma tarefa distratora; e grupo de controlo – onde os participantes assistiram a um vídeo neutro (um casal a passear pela praia). Estes grupos foram criados com o objetivo de analisar se o grupo experimental iria apresentar mais FM induzidas e espontâneas comparativamente ao grupo de controlo, devido à tarefa distratora (com informação falsa) e ao vídeo de crime (níveis elevados de stresse).

Os resultados vão ao encontro da literatura (e.g., Loftus e Palmer, 1974; Morgan et al., 2013; Shaw & Porter, 2015), pois mostram que os participantes que visualizaram o vídeo de crime e o resumo com informação falsa apresentaram mais FM. Além do mais, podemos confirmar estas conclusões no Paradigma “*Misinformation Effect*” que afirma que a implementação de informação falsa contamina a memória das testemunhas, e quando recordada, a memória é distorcida, convergindo em FM (Nitschke et al., 2019).

Segundo Fidalgo (2017), questões sugestivas sobre vídeos visualizados aumentam as FM produzidas pelos participantes. Consequentemente, submetemos os nossos participantes a responder questionários sobre os vídeos que continha informação sugestiva e enganosa. O objetivo era avaliar a criação de FM induzidas, contudo, nesta amostra não se constatou a interferência das questões sugestivas, visto que o número de acertos e respostas “não sei” foi maior nos dois grupos (controlo e experimental). Também, verificou-se que as perguntas com informação enganosa foram as que tiveram menos erros.

Relativamente à tarefa de evocação livre, os participantes do grupo experimental apresentaram uma maior quantidade de detalhes centrais e erros. Quanto aos detalhes periféricos, o número de informação recordada por participante foi baixo.

No grupo de controlo há uma maior frequência em recordar detalhes periféricos do que detalhes centrais. Quanto aos erros, mais de metade dos participantes não evidenciaram a recordação de erros.

A justificação dos resultados descritos nos parágrafos anteriores pode prender-se ao facto do grupo experimental visualizar o vídeo de crime, uma situação de crime pode aumentar os níveis de stresse (Saraiva et al., 2015). Tendo sido visível nos resultados da VAS, onde o momento de maior stresse é após a visualização do vídeo de crime.

Segundo Pozzulo, Crescini e Panton (2008) testemunhas de crimes violentos (submetidas a níveis elevados de stresse) recordam detalhes relacionados com as características dos intervenientes principais do crime e detalhes da arma utilizada, enquanto que testemunhas de crime com ausência de violência recordam detalhes periféricos que estão relacionados com o ambiente envolvente (Christianson, 1992).

Clifford & Hollin, (1981) também afirmam que testemunhas de crimes violentos tendem a ter mais distorções de memória e dificuldades de recordação do que testemunhas de um incidente sem violência. Isto deve-se ao stresse experienciado durante evento violento que aumenta carga emocional e, conseqüentemente, os mecanismos de atenção ficam mais apurados. O que vai ao encontro com o “efeito de arma” (Albuquerque & Santos, 1999), onde testemunhas de crimes, que envolvam uma arma de fogo, tendem a direccionar maior atenção na arma e não no agressor, assim a informação recordada é centrada em características da arma e não no ambiente. Deste modo, acreditamos que o grupo experimental sofreu uma maior influência da variável stresse, ao assistir um vídeo de crime, por isso apresenta a recordação de detalhes centrais e mais FM do que o grupo de controlo.

Ademais, e confirmando as afirmações acima referidas, acreditamos que o enredo do vídeo de crime (stresse) possibilita recordar mais detalhes centrais, talvez porque os participantes receberam tanto informação visual como auditiva, visto que tudo o que assistiram também era narrado, e toda essa informação narrada é referente às características da cena do crime. Enquanto que o vídeo neutro, o cenário é mais amplo, a informação recolhida é maioritariamente visual e geral, onde não há muita agitação por isso, os detalhes prendem-se mais no ambiente, o que está ao redor (detalhes periféricos) (Saraiva et al., 2015).

No que respeita à variável Raça, não se constatou diferenças significativas entre os dois grupos (caucasianos e negros) relativamente às FM. Ainda assim, houve diferenças nos detalhes periféricos recordados, no qual caucasianos apresentam maior percentagem de detalhes do que os participantes negros. Apesar de haver particularidades a nível físico e biológico entre as duas raças, acreditamos que não

houve diferenças entre os grupos porque o processamento da informação ocorre do mesmo modo (mesmos mecanismos), daí a variável raça não interferir com o desempenho da memória. Ademais a pequena diferença encontrada na recordação de detalhes pode dever-se a fatores internos dos participantes, tais como: diferenças no desempenho cognitivo (Avila et al., 2019).

Nesta sequência, destaca-se a relevância em fazer um estudo semelhante, avaliando-se o stresse como uma variável independente, mas recorrendo a uma escala diferente, juntamente com a criatividade, traços de personalidade e estereótipos raciais.

Ademais, uma das limitações do estudo esta relacionada com a amostra, por não apresentar uma distribuição normal na comparação dos resultados do IAT, de forma a possibilitar a análise do desempenho da memória, entre pessoas com estereótipos e sem estereótipos raciais. Apesar dos resultados obtidos, acreditamos que se os grupos do IAT tivessem uma melhor distribuição pelos participantes, obteríamos resultados que iriam ao encontro com a literatura (Skorinko & Spellman 2013).

Em suma, a presente investigação demonstrou que a memória é falível e suscetível a fatores externos e internos. Destes, destaca-se como fatores internos a personalidade, mais especificamente a dimensão “Abertura à Experiência” (e.g., otimismo, criatividade e procura de novas experiências) que se manifesta através de uma maior propensão à formação de FM. E como fatores externos destacam-se a exposição a informação falsa e a ativação emocional – stresse, como potenciadores da criação de FM. Esperamos que os resultados da presente investigação tenham contribuído para o avanço de estudos em contexto forense, nomeadamente, na compreensão dos fatores que influenciam a memória e como estes afetam o testemunho, e posteriormente criar mecanismos para ultrapassar tais limitações, de forma a minimizar as tomadas de decisão erradas em contexto judicial.

Referências

- Aharonian, A. A., & Bornstein, B. H. (2008). Stress and Eyewitness Memory. *Encyclopedia of Psychology and Law*.
- Alho, L., Soares, S., Ferreira, J., Rocha, M., Silva, C., & Olsson, M. (2014). Nosewitness Identification: Effects of Negative Emotion. *PLoS ONE*, 10. doi:10.1371/journal.pone.0116706.
- Alves, C. M., & Lopes, E. J. (2007). Falsas Memórias: Questões teórico-metodológicas. *Paidéia*, 17, 45-56. doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100005.
- Araya, T. (2003). *Stereotypes: Suppression, forgetting and false memory* (Master's thesis). Faculty of Social Science, Lund, Sweden.
- Albuquerque, P. B., & Santos, J. A. (1999). “Jura dizer a verdade?...”: Traições e fidelidades dos processos mnésicos. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, 257-266.
- Albuquerque, P. B., & Pimentel, E. (2005). Impacto da inibição do efeito de recência na produção de memórias falsas em listas de associados. *Psicologia Educação e Cultura*, IX, 69-87.
- Avila, J. F., Vonk, J. M. J., Verney, S. P., Witkiewitz, K., Arce Rentería, M., Schupf, N., & ... Manly, J. J. (2019). Sex/gender differences in cognitive trajectories vary as a function of race/ethnicity. *Alzheimer's & Dementia*. doi:10.1016/j.jalz.2019.04.006
- Ávila, L. M. & Stein, L. M. (2006). A influência do traço de personalidade neuroticismo na suscetibilidade às falsas memórias. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22, 339-346.
- Baddeley, A., Eysenck, M. W. & Anderson, M. C. (2014). *Memory*. New York: Psychology Press.
- Betancourt, H. & López, S. R. (1993). The study of culture, ethnicity, and race in american psychology. *American Psychologist Association*, Vol. 48, 629-937.
- Bloison, S. M., & Johnson, M. K. (2007). Memory for emotional and neutral information: Gender and individual differences in emotional sensitivity. *Memory*, 15, 192-204.
- Bourscheid, F. R. (2017). *A labilidade da memória humana: Efeitos de manipulações pós recuperação e pós-reativação em listas de palavras associadas* (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.

- Brainerd, C. J. & Reyna, V. F. (2005). The science of false memory. *Oxford University Press*, 1-27. doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195154054.001.0001
- Brown, T. I., Uncapher, M. R., Chow, T. E., Eberhardt, J. L. & Wagner, A. D. (2017). Cognitive control, attention, and the other race effect in memory. *PLoS ONE*, 12. doi:10.1371/journal.pone.0173579.
- Caixeta, V. S., & Pereira, D. A. (2005). Criando falsas memórias em adultos por meio de imagens faciais. *Universitas Ciências da Saúde*, 3, 15-45. doi: 10.5102/UCS.V3I1.544
- Carvalho, M. G. M. (2012). *Formação de impressões, falsas memórias e efeito de primazia* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia, Lisboa, Portugal.
- Conway, M. A. (2001). Sensory-perceptual episodic memory and its context: autobiographical memory. *Philosophical Transactions of the Royal Society of London*, 356, 1375-1384. doi: 10.1098/rstb.2001.0940
- Correia, J. P. (2014). Traços de personalidade, estados emocionais e condução: Um estudo comparativo entre condutores de ambos os sexos (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Costa, M. C. P. (2011). *Diferenças no acesso mnésico a memórias genéricas, episódicas e auto-biográficas em crianças* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Christianson, S. A. (1992). Emotional stress and eyewitness memory: A critical review. *Psychological Bulletin*, 112, 284–309. doi:10.1037/0033-2909.112.2.284.
- Eysenck, H. (1997). Personality and experimental psychology: The unification of psychology and the possibility of a paradigm. *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 73, 1224-1237. Doi:10.1037/0022-3514.73.6.1224
- Eysenck, M. W. & Keane, M. T. (2007). *Manual de psicologia cognitiva* (5ª ed). Porto Alegre: Artmed.
- Eysenck, M., & Keane M. T. (2017). *Manual de Psicologia cognitiva* (7ª edição). Porto Alegre: Artmed.
- Fidalgo, S. A. (2017). *A influência do stresse e da ansiedade nas falsas memórias* (Dissertação de Mestrado). Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, Portugal.

- Garcia-Marques, L., Ferreira, M. B., Nunes, L.D., Garrido, M. V., & Garcia-Marques, T. (2010). False memories and impressions of personality. *Social Cognition*, Vol.28, 556-568.
- Gleitman, H., Fridlund, D., & Reisberg, A. (2011). *Psicologia* (10ª Eds). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonçalves, R. A. (2010). Psicologia forense em Portugal: Uma história de responsabilidades e desafios. *Análise Psicológica*, 1, 107-115.
- Gonçalves, M. M., Simões, M. R., Almeida, L. S. & Machado, C. (2003). *Avaliação psicológica. Instrumentos validados para a população portuguesa*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Herlitz, A., Nilsson, L., & Backman, L. (1997). Gender differences in episodic memory. *Memory & Cognition*, 25, 801-811.
- Hyman, I. E. & James Billing, F. (1998). Individual differences and the creation of false childhood memories. *Memory*, 6, 1-20. DOI: 10.1080/741941598
- Huss, M. T. (2011). *Psicologia forense: Pesquisa, prática clínica e aplicações*. Porto-Alegre: Artmed.
- Jelin, E. (2002). *Los trabajos de la memoria*. Espanha: Siglo Veintiuno de España Editores.
- Kertzman, S., Aladjem, Z., Milo, R., Ben-Nanhum, Z., Birger, M., Grispan, H., & ... Kotler, M. (2004). The utility of the visual analogue scale for the assessment of depressive mood in cognitively impaired patients. *International Journal of Geriatric Psychiatry*, 19, 789-796. doi: 10.1002/gps.1141.
- Laney, C., & Loftus, E. F. (2014). Eyewitness testimony and memory biases. Retirado de: <https://www.researchgate.net/publication/327108738>
- Lima, M. P. & Simões, A. (2000). A teoria dos cinco factores: Uma proposta inovadora ou apenas uma boa arrumação de caleidoscópio personológico? *Análise Psicológica*, 2, 171-179.
- Lima, M. P. & Simões, A. (2003). *Inventário de personalidade neo revisto (NEO-PI-R)*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Lindner, I., Schain, C., Kopietz, R., & Echterhoff, G. (2012). When do we confuse self and other in action memory? Reduced false memories of self-performance after observing actions by an out-group vs. in-group actor. *Frontiers in Psychology*, 3, 1-6. doi: 10.3389/fpsyg.2012.00467

- Loftus, E. F., & Palmer, J. C. (1974). Reconstruction of automobile destruction: An example of the interaction between language and memory. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 13, 585-589. doi: 10.1016/S0022-5371(74)80011-3
- Loftus, E. F., Banaji, M. R., Schooler, J. W., & Foster, R. (1987). Who remembers what?: Gender differences in memory. *Michigan Quarterly Review*, 26, 64-85.
- Loftus, E. F., Hoffman, H. G., & Wagenaar, W. A. (1992). *The misinformation effect: Transformations in memory induced by postevent information*. In Howe, M. L., Brainerd, C. J., & Reyna, V. F. *Development of Long-Term Retention* (159-183). New York: Springer.
- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A-J., Costa, J. J., Costa, M. J., Costa, P., & Lima, M. P. (2014). NEO-FFI: Psychometric properties of a short personality inventory in portuguese context. *Psychology/Psicologia Reflexão e Crítica*, 27, 642-657.
- Martinho, J. (2004). *Persona – Uma introdução às teorias da personalidade*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Meissner, C. A., & Brigham, J. C. (2001). Thirty years of investigating the own-race bias in memory for faces: A meta-analytic review. *Psychology, Public Policy, and Law*, 7, 3-35. doi: 10.1037//1076-8971.7.1.3
- Morgan III, C. A., Southwick, S., Steffian, G., Hazlett, G. A., & Loftus, E. F. (2013). Misinformation can influence memory for recently experienced, highly stressful events. *International Journal of Law and Psychiatry* 36, 11–17. doi: 10.1016/j.ijlp.2012.11.002
- Neufeld, C. B., Brust-Renck, P. G., Rocha, A. F., Sossela, M. & Rosa, F. H. (2013). Falsas memórias e diferenças individuais: Um estudo sobre fatores de personalidade e qualidade da memória. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26, 319-326.
- Nitschke, J. P., Chu, S., Pruessner, J. C., Bartz, J. A., & Sheldon, S. (2019). Post-learning stress reduces the misinformation effect: effects of psychosocial stress on memory updating. *Psychoneuroendocrinology*, 102, 164–171. doi:10.1016/j.psyneuen.2018.12.008.
- Nunes, K. L. & Baldwin, M. W. (2007). Indirect assessment of cognitions of child sexual abusers with the implicit association test. *Criminal justice and behaviour*, 34, 454-475. doi: 10.1177/0093854806291703

- Oliveira, H. M., Albuquerque, P. B., & Saraiva, M. (2018). Estudo das falsas memórias: Reflexão histórica. *Trends in Psychology*, 26, 1763-1773. doi: 10.9788/TP2018.4-03
- O'Toole, A. J., Deffenbacher, K. A., Valentin, D., & Abdi, H. (1994). Structural aspects of face recognition and the other-race effect. *Memory & Cognition*, 22, 208-224. Doi: 10.3758/BF03208892
- Pandeirada, J. N. S. (2005). *Criação de falsas memórias: Diferenças individuais* (Dissertação de Doutoramento). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Payne, B. K., Jacoby, L. L., & Lambert, A. J. (2004). Memory monitoring and the control of stereotype distortion. *Journal of Experimental Social Psychology*, 40, 52–64. doi:10.1016/S0022-1031(03)00069-6
- Pajón, L., & Walsh, D. (2017). Examining the effects of violence and personality on eyewitness memory. *Psychiatry, Psychology and Law*. doi: 10.1080/13218719.2017.1327313.
- Pinto, A. C. (1986). Uma análise experimental sobre a credibilidade das identificações efectuadas por testemunhas oculares. *Revista de Investigação Criminal*, 21, 67-72.
- Pinto, A. C. (2002). Recordações verídicas e falsas: Avaliação de alguns factores. *Psicologia, Educação e Cultura*, VI, 397-415.
- Poiares, C. A. (2012). *Manual de psicologia forense e da exclusão social – Rotas de investigação e de intervenção*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas.
- Pozzulo, J. D., Crescini, C. & Panton, T. (2008). Does methodology matter in eyewitness identification research? The effect of live versus video exposure on eyewitness identification accuracy. *International Journal of Law and Psychiatry*, 31, 430-437. doi: 10.1016/j.ijlp.2008.08.006.
- Ribas, C. (2011). *A credibilidade do testemunho: A verdade e a mentira em tribunal* (Dissertação de Mestrado). Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar, Porto, Portugal.
- Rodrigues, E. P., & Albuquerque, P. B. (2007). Produção de memórias falsas com listas de associados: Análise do efeito do nível de processamento e da natureza da prova da memória. *Psicol. UPS*, 18, 113-131. doi: 10.1590/S0103-65642007000400008.

- Rodrigues, E. M. P. M. (2008). *Processos não conscientes de produção de memórias falsas a partir do paradigma de associados convergentes* (Dissertação de Doutoramento). Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Roediger III, H. L., & McDermott, K. B (1995). Creating false memories: Remembering words not presented in lists. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition* 21, 803-814. doi: 10.1037//0278-7393.21.4.803.
- Saraiva, R. B., Iglesias, F., Micas, G. F., Araújo, C. P. N., Lima, C. C. & Costa, M., V. (2015). Conformidade entre testemunhas oculares: efeitos de falsas informações nos relatos criminais. *Psico-USF*, 20, 87-96. Doi: org/10.1590/1413-82712015200108.
- Sene, A. S, Lopes, E. J., & Rossini, J. C. (2014). Falsas memórias e tempo de reação: Estudo com o procedimento de palavras associadas. *Psychologica*, 57, 25-40. doi: 10.14195/1647-8606_57_1_2
- Sene, A. S., (2011). *Falsas memórias em tarefas de curto prazo: Efeitos do intervalo de retenção e da emocionalidade* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Brasil.
- Shaw, J., & Porter, S. (2015). Constructing rich false memories of committing crime. *Psychological Science*, 1-11. doi: 10.1177/0956797614562862
- Sporer, S. L. (1982). A brief history of the psychology of testimony. *Current Psychological Reviews*, 2, 323-339. doi: 10.1007/BF02684465
- Steffens, M. C., & Mecklenbräuker, S. (2007). False Memories: Phenomena, theories, and implications. *Journal of Psychology*, 215, 12–24. doi: 10.1027/0044-3409.215.1.12
- Veríssimo, R. (2001). Personalidade. Conhecer as pessoas. Retirado de: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9130/2/13810.pdf>
- Wang, K., Wu, W., Zhong, H., & Cheng, J. (2017). Gender differences in performance for young adults in cognitive tasks under emotional conflict. *Neuroscience Letters*, 661, 77–83. doi:10.1016/j.neulet.2017.09.061.
- Zhu, B., Chen, C., Loftus, E. F., Lin, C., He, Q., Chen, C., & ... Dong, Q. (2010). Individual differences in false memory from misinformation: Personality characteristics and their interactions with cognitive abilities. *Elsevier, Personality and Individual Differences*, 48, 889-894. doi: 10.1016/j.paid.2010.02.016

ANEXOS

ANEXO I: Consentimento Informado



Consentimento Informado

EPCV- ULHT, Mestrado em Psicologia Forense, Dissertação de Mestrado

Aluna: Maura Olaio

O presente estudo está a ser desenvolvido no âmbito de Dissertação de Mestrado em Psicologia Forense da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, tendo como objectivo averiguar possíveis diferenças inter-individuais no desempenho da memória. O orientador deste estudo é a Professora Doutora Laura Alho.

Os dados recolhidos neste estudo serão utilizados para fins académicos e toda a informação será tratada de forma confidencial. É de salientar que a sua participação neste estudo é voluntária, e se necessário pode desistir a qualquer momento.

Caso aceite participar no estudo, ser-lhe-á pedido que responda a duas escalas, um questionário sociodemográfico, visualize um vídeo e responda um questionário. O tempo de duração será de aproximadamente 30 minutos.

Em caso de dúvida ou informação adicional, por favor, contacte a orientadora Laura Alho através do email: laura.alho@ulusofona.pt

Eu, _____, aceito participar ☐ /não
aceito participar ☐ neste estudo de forma voluntária.

Muito obrigado pela sua participação!

Data: ____/____/____

Maura Olaio

ANEXO II: Questionário sociodemográfico



Questionário sociodemográfico

Raça

Negra ☐

Caucasiana ☐

Outra: _____

Género

Feminino ☐ Masculino ☐

Idade: _____

Nacionalidade: _____

Naturalidade: _____

Estado civil

Solteiro ☐ União de facto/Casado ☐

Viúvo ☐ Separado/Divorciado ☐

Universidade

Qual o curso que frequenta e respectivo ano

ANEXO III: Visual Analogue Scale (VAS)

Níveis subjetivos de Stress (VAS)

0 100

0 100

0 100

ANEXO IV: Questionário sobre o vídeo de crime

Questionário sobre o vídeo

1. O ofensor usava arma de fogo?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

2. A vítima tinha cabelo loiro?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

3. O assalto decorreu num centro comercial?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

4. A camisola do ofensor era azul escura?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

5. A vítima tinha uma saia preta?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

6. Existia uma camara por trás do ofensor?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

ANEXO IV: Questionário sobre o vídeo neutro (praia)

Questionário sobre o vídeo

1. O homem tinha um objecto na mão?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

2. A senhora tem o cabelo loiro comprido?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

3. O casal está à beira-mar?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

4. A t-shirt do homem era verde seco?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

5. A senhora está com um vestido azul escuro?
sim ☐ não ☐ não sei ☐

6. Existia um cão na praia?
sim ☐ não ☐ não sei ☐